

Amostra
Abílio Diniz o grande mágico
Revista Exame - SP
54 e 55

PERFIL

ABÍLIO DINIZ O GRANDE MÁGICO

O príncipe herdeiro lutou contra os irmãos, subiu ao trono e criou o império. Com o Pão de Açúcar no vermelho, foi raptado, renasceu das cinzas e lança-se no estrelato internacional

Texto de CRISTINA SILVA

Com 55 anos, Abílio Diniz trabalha já há 40 anos no grupo fundado pelo seu pai. Este, Valentim, chegou ao Brasil em 1929 proveniente de Portugal. Em 1948 abre a Pastelaria Pão de Açúcar. Era o início daquele que viria a ser daí a 40 anos o maior grupo privado brasileiro.

Os amigos e familiares acusam Abílio de ser ambicioso e autoritário na condução dos negócios. Mas reconhecem que foi ele que transformou o Pão de Açúcar num império na área da distribuição. Abílio é o símbolo vivo do grupo. Esteve na ribalta quando em 1988 estalou a crise no seio do império, enfrentando os seus cinco irmãos que se uniram sob a liderança de Alcides Diniz para lhe fazerem frente. Na altura o seu segundo irmão pretendia dividir o grupo em três fatias, tantas como os interesses divergentes em causa. Abílio, numa tentativa de salvar o grupo do desmantelamento total, defendia a criação de uma direcção profissional, cedendo o seu lugar a um executivo assalariado que não fizesse parte da família.

Nesta guerra de irmãos, não seria fácil destronar Abílio Diniz de um grupo feito à sua medida. E este contabilizava ainda como vantagem a posição do presidente do grupo, o seu pai. Valentim, senhor de 62% das acções com direito a voto, era contra a divisão e sabia que a sobrevivência do Grupo Pão de Açúcar não se compadecia com este tipo de disputas internas.

Para os raptores valia 9 milhões de contos

Era também uma guerra de ciúmes. Alcides, ex-director de operações, e Arnaldo, ex-director comercial, eram só conhecidos como os irmãos de Abílio. E indirectamente foi o pai que provocou a crise. Na origem esteve a distribuição das acções alguns anos atrás. Ofereceu de mão beijada 16% do capital a Abílio como recompensa pela dedicação em expandir o que poderia não ter passado de uma vulgar rede de supermercados. Alcides e Arnaldo re-

ceberam 8% cada um, e cada uma das três filhas 2%. Dificilmente destronável é a posição de Abílio que acaba por vencer e ascender a vice-presidente executivo do grupo. Alcides abandona o Pão de Açúcar levando uma boa fatia do capital social. Decide constituir o seu próprio grupo, desta feita na área imobiliária.

A família Diniz sempre teve fortes ligações a Collor de Mello, e a uma semana da segunda volta das eleições, em Dezembro de 1989, Abílio é raptado por uma organização internacional com ligações a revolucionários de esquerda chilenos e argentinos. Pedem um resgate de 9 milhões de contos pela entrega do empresário brasileiro, mas a acção extremista é frustrada pela prisão do líder dos terroristas. Logo a seguir o grupo atravessa a maior crise de sempre. As dívidas à banca e aos fornecedores eram enormes, os resultados negativos, os preços praticados eram altos, as lojas estavam vazias, e a imagem do grupo andava pelas ruas da amargura. Perde a liderança do mercado para a Carrefour, um gigante francês que possui em

O tesouro do cofre imperial

Abílio Diniz é uma das fortunas mais cobiçadas do Brasil. Mesmo depois de ter vendido cerca de metade do império Pão de Açúcar, para realizar o seu saneamento financeiro, o que sobrou não deixaria ninguém descontente. E agora possui uma vantagem suplementar. No meio de toda a crise que se despoletou entre a família pelo controlo da empresa, foi ele que ganhou a guerra. Está sozinho à frente dos desti-

nos do Grupo Pão de Açúcar, e o poder que tem entre as mãos é enorme.

No Brasil são 30 empresas em várias áreas de negócio. Depois do saneamento ficaram 343 lojas espalhadas por 10 estados do Brasil. São 20 milhões de consumidores e 21,4 mil funcionários.

Todo este império, com um património avaliado em 60 milhões de contos, facturou em 1991 cerca de 210 milhões de contos. No ano anterior, quando o

grupo possuía ainda 476 lojas, o volume de vendas ascendia a 360 milhões de contos. Mas a venda das lojas teve boas repercussões sobre os resultados do grupo. De um prejuízo de 4,8 milhões de contos em 1990 passou para um lucro de 482 mil contos. Só a venda da sede do grupo rendeu para os cofres de Abílio cerca de 8,25 milhões de contos, e a alienação do Banco Pão de Açúcar cerca de 3,75 milhões de contos.

Amostra
Abílio Diniz o grande mágico
Revista Exame - SP
54 e 55



Nada consegue pará-lo. Problemas familiares pela liderança do grupo, raptos, ou a venda de metade das lojas. Como verdadeiro imperador está no Leste para vencer

Pedro Palma

Portugal a cadeia Euromarché. Sem tempo para se recuperar do susto do sequestro, Abílio mergulha entre 1990/91 numa reestruturação do grupo. Encerra centenas de lojas, despede milhares de trabalhadores, vende a sede do grupo e o Banco Pão de Açúcar. O objectivo era acabar com os financiamentos externos, liquidar a dívida a fornecedores, colocar-se em melhor posição para negociar prazos e custos financeiros e retomar o nível de investimento. A liderança deixa de ser um objectivo, "o que interessa é a produtividade, a eficiência e a competitividade". Foram necessários dois anos, mas o timoneiro conseguiu.

Persistente em qualquer período de crise, Abílio nunca pensou perder o grupo. "É claro que existiram momentos de menor tranquilidade. Nesses momentos, eu e a minha administração sempre tivemos confiança necessária para continuarmos em frente".

Desportista entusiasta, foi vice-campeão de automobilismo e tri-campeão de motonáutica. Jogador de ténis e pólo, fica-se agora pelo *jogging* e pela natação.

Desporto é terapêutica diária

"Todos têm de fazer opções na vida, e eu já fiz algumas. Uma, muito cedo, foi optar por estar à frente do Pão de Açúcar", diz Abílio. "Depois que me formei no Brasil em Administração, a minha intenção era estudar nos EUA. Mas só cinco anos depois, quando já estava com uma posição dentro do grupo, é que pude voltar aos Estados Unidos para estudar".

"Mais tarde, no campo desportivo, quando era incompatível com o trabalho, renunciei e continuei concentrado no grupo".

Aos 55 anos continua a praticar desporto. Para ele é um escape. "É a minha terapêutica diária. É o que me permite não só trabalhar, mas também viver a vida. Sinto-me bem assim, mas não faço pregações como se esta receita fosse única e formidável para todos. Para mim dá certo".

Gosta de Portugal, mas nunca pensou em viver cá. "Nem mesmo após ter sofrido o sequestro em Dezembro de 1989. O Brasil precisa dos brasileiros, e aqueles que puderem e tiverem força devem permanecer lá. E eu tenho de o fazer". ●